

Cosmopolíticas linguísticas, cosmotécnicas encantadas e ciência indígena no Nordeste do Brasil¹

Language cosmopolitics, enchanted cosmotechs and Indigenous science in the Northeast Brazil

Leandro Marques Durazzo
UFRN/Brasil

RESUMO:

Este texto pretende articular, conceitualmente, algumas noções centrais para o que se tem se entendido como valorização/fortalecimento/revitalização linguística em contextos indígenas do Nordeste brasileiro, aí compreendida a área de abrangência da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do NE, MG e ES (APOINME). Para tanto, fazemos uso de algumas noções de língua, falante, transmissão, território, técnica e ciência que entrecruzam categorias nativas e terminologias técnicas das áreas da Linguística e da Antropologia, bem como da Filosofia contemporânea. Nosso objetivo é demonstrar como não apenas a cosmovisão indígena altera concepções acadêmicas de língua, falante e transmissão linguística, por exemplo, mas como as próprias práticas tradicionais de povos indígenas, suas relações com o território, atividades técnicas e engajamento com outros-que-humanos oferecem elementos para compreender dimensões cosmotécnicas daquilo que chamamos de línguas encantadas.

PALAVRAS-CHAVE: Cosmopolítica; Cosmotécnica; Revitalização Linguística; Povos Indígenas do Nordeste

ABSTRACT:

This article intends to conceptually articulate some central notions for what has been understood as linguistic valorization/strengthening/revitalization in Indigenous contexts of the Brazilian Northeast, including the area covered by the Articulation of Indigenous Peoples and Organizations of NE, MG and ES (APOINME). To do so, I resort to some notions of language, speaker, transmission, territory, technique and science that intertwine native categories and technical terminologies from the areas of Linguistics and Anthropology, as well as contemporary Philosophy. My aim is to demonstrate how the Indigenous cosmovision alters not only academic conceptions of language, speaker and linguistic transmission, for example, but how the traditional practices of indigenous peoples themselves, their relations with the territory, technical activities and engagement with other-than-humans offer elements to understand cosmotechanical dimensions of what we call enchanted languages.

KEYWORDS: Cosmopolitics; Cosmotechs; Language Revitalization; Indigenous Peoples; Northeast Brazil

Introdução

Pelo menos desde o início dos anos 2000, diversos povos indígenas da região de abrangência da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do NE, MG e ES — APOINME têm envidado esforços no sentido de fortalecer, vitalizar ou revitalizar suas línguas originárias (BOMFIM; COSTA, 2014; BONFIM; DURAZZO; AGUIAR, 2021;

¹Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

DURAZZO; COSTA, 2022), por vezes reconstruindo possibilidades linguísticas a partir de elaborações e contatos interétnicos (CÉSAR, 2006; BOMFIM, 2012), por vezes procedendo a um misto de engajamento ritual com seus antepassados *encantados*,² falantes de tais línguas, e de envolvimento acadêmico com fontes documentais, tanto missionárias e coloniais quanto da linguística contemporânea (DURAZZO, 2021a, 2022a; DURAZZO; BONFIM, 2023).

Já demonstramos que os engajamentos rituais com *encantados* permitem aos sujeitos contemporâneos, “de carne e osso”, interagir com tais entidades ancestrais em determinadas situações e, a partir disso, proceder a um modo de acesso aos conhecimentos bastante distinto do que se poderia alcançar pelos contatos com outros seres humanos encarnados, e mesmo com documentos e registros escritos. Esses dois modos de aquisição de conhecimentos se dão, respectivamente, *pela ciência e pelo estudo* (DURAZZO, 2023). *Ciência*, neste caso, sendo uma ciência indígena em tudo específica — não porque se distinga inteiramente de possibilidades de conhecimentos não-indígenas, mas porque articulada a esferas socioculturais próprias (CARVALHO; REESINK, 2018), complexos rituais próprios que ampliam as possibilidades de se conceber, por exemplo, o que é uma língua originária, fazendo dela uma *língua ancestral*. Ou seja, uma língua encantada, falada ainda hoje pelos sujeitos *encantados*, mesmo quando não o seja pelos sujeitos “de carne e osso” (DURAZZO, 2022b).

A *ciência indígena* (DURAZZO, 2021b), entendida como um sistema semiótico de comunicação interétnica e mesmo mais-que-humana, posto viabilizar o contato dos indígenas viventes com aqueles *encantados* e com elementos cosmológicos — como animais, pedras e mata —, é um complexo ritual que articula elementos de distintos graus e naturezas. Por meio dela, tem-se acesso a uma articulação que interliga a força do território histórica e cosmologicamente habitado, a presença dos entes *encantados* em um mesmo plano temporal, mesmo que antepassados, a comunicação entre seres diferentes, humanos e mais-que-humanos etc. Por isso a *ciência indígena* permite, por um lado, o conhecimento da língua encantada, isto é, a partir dos *encantados*, *pela ciência*, mas também fortalece as próprias perspectivas de *estudo* e de política linguística de um dado povo, algo buscado também pela ciência não indígena. Como a professora Tayra Cá Arfer Jurum Tuxá, do povo Tuxá do norte da Bahia afirma reiteradamente, eles não se encontram apenas fortalecendo sua *língua ancestral*, mas

² Expressões em itálico correspondem a categorias nativas, isto é, termos que, mesmo quando expressos em português, carregam consigo uma especificidade sociocultural própria e correspondem a cosmologias específicas dos povos aqui mencionados.

por tal processo *se fortalecem* nessa mesma *língua ancestral* atualmente em retomada. A interseção complexa de *ciência* e ciência, de estudos e práticas educacionais acadêmicas embasados por experiências cosmológicas, nos permite pensar naquilo que chamamos de cosmopolítica linguística (DURAZZO, 2023) ou, ainda, de gramática cosmopolítica (BONFIM, 2017).

Seguindo a pista desse estatuto encantado das línguas indígenas no Nordeste do Brasil, e considerando-as línguas faladas e transmitidas — no mínimo — pelos *encantados*, aventamos classificar tal contexto sociolinguístico e cosmopolítico como correspondendo a uma área etnolinguística, a saber, a área etnolinguística das línguas encantadas (DURAZZO; BONFIM, 2023). Ao delinear uma proposta de área etnolinguística, fizemos uso de concepções interdisciplinares — oriundas da linguística areal (BARTOLI, 1925) e da etnologia indígena (BONFIM; DURAZZO; AGUIAR, 2021) — para estabelecer parâmetros de entendimento linguístico que, levando em conta o histórico silenciamento a que tais línguas originárias foram submetidas pelo processo colonial (SOUZA, 2021), pudessem oferecer meios de renovar nosso olhar, e nossa audição, a respeito de tais línguas.

Por isso, o estatuto das línguas encantadas e a proposta de sua área etnolinguística oferece a determinadas concepções já historicamente consolidadas na história das disciplinas científicas uma nova abordagem: não mais “língua morta” por não encontrar falantes ativos entre os viventes de carne e osso, mas línguas encantadas por ter, entre os *encantados*, vivíssimos nas cosmologias indígenas da região, seus falantes preferenciais.

Também nessa investida, classificamos tal área etnolinguística como possuindo no território — histórica e tradicionalmente ocupado, cosmologicamente vivido e compreendido, com todos os sons da natureza e da sobrenatureza que compõem sua paisagem — um verdadeiro documento linguístico (DURAZZO; BONFIM, 2023). O território como documento linguístico das línguas encantadas apresenta elementos cosmológicos patentes, como o som das ondas no mar fazendo renascer a língua dos Anacé do Ceará (SILVA, 2022), ou como os próprios *encantados* permitindo, em determinadas situações, o aprendizado de tais idiomas pelos viventes entre os Tuxá da Bahia (DURAZZO, 2022b).

Contudo, para além da dimensão cosmológica, de seus elementos ditos naturais — como os sons do território — ou de uma sobrenatureza — como os sons *encantados* do território —, por assim dizer, há uma possibilidade de se compreender as línguas

encantadas também como tecnologias, técnicas e, como esboçaremos adiante, cosmotécnicas. Tal noção cosmotécnica (HUI, 2020), se aplicada às próprias línguas encantadas e aos processos de retomada linguística de povos indígenas do Nordeste (BONFIM; DURAZZO; AGUIAR, 2021; DURAZZO; COSTA, 2022), expandem a concepção de língua também por compreendê-la como tecnologia (MUFWENE, 2013), superando a suposta cisão natureza/cultura que teria, no primeiro pólo, apenas uma paisagem sonora não influenciada por humanos, e no segundo, apenas a humanidade dos sons, linguísticos e/ou extralinguísticos.

Língua como tecnologia, cosmotécnica como cosmopolítica

Tendo assentado a compreensão de que a um território cosmologicamente experienciado podem corresponder experiências linguísticas encantadas; e que pelo reforço da *ciência* indígena os processos de retomada de *línguas ancestrais* podem se fortalecer, caberá agora compreender a língua não só como um sistema de comunicação encantada, portanto cosmolinguística e intercultural por excelência (REZENDE, 2021), mas também como uma tecnologia, o que nos abrirá caminho para compreender sua dimensão cosmotécnica.

O linguista Salikoko Mufwene (2013), apoiando-se em Brian Arthur, entende tecnologia como um meio para cumprir determinado fim: seja esse meio um dispositivo, um método ou um processo. Tal meio poderia, ainda, ser um conhecimento — quando utilizado para explicar algo, ou para o manejo de dada situação —, uma prática — quando estendida à solução de um problema — ou uma ciência — quando o conhecimento científico é aplicado para desenvolver coisas práticas, a fim de tornar nossas vidas mais fáceis ou para nos ajudar a solucionar problemas.

Mufwene considera, na sequência, que pensar em língua é, necessariamente, pensar em seus componentes variáveis — “línguas”, portanto, sempre no plural. Componentes que constituem suas fonologias, vocabulários e morfossintaxes, socioculturalmente variáveis e filogeneticamente surgidos como ferramentas pelas quais os grupos humanos pudessem se comunicar. Em razão disso, o autor busca compreender as línguas como tecnologias justamente por concebê-las em sua materialidade, seja a dos sons da fala, seja a dos gestos envolvidos nas línguas de sinais: cada qual um sistema organizado por seus próprios critérios, fazendo uso de seus próprios expedientes para compor uma técnica comunicativa. Nesse sentido, as línguas são sistemas cujas

unidades elementares são físicas, mas às quais se aplicam várias regras e restrições — em vários níveis de sua arquitetura — e às quais se associam interpretações semânticas também variadas. Assim, as “línguas têm arquiteturas não-monolíticas não apenas porque os escopos de aplicação de suas regras se sobrepõem de várias maneiras [...], mas também porque consistem de partes materiais e abstratas [... algo] consistente com a concepção de tecnologia de Arthur” acima mencionada (MUFWENE, 2013, p. 331, tradução nossa).

Pois bem: à concepção de línguas como tecnologias, que Mufwene muito bem demonstra ao considerá-las sistemas cuja consistência depende de suas lógicas internas e elementos próprios — por exemplo, a linearidade composicional e sonora da fala *versus* a sincronicidade visual e tridimensional da língua de sinais —, podemos relacionar a noção de cosmotécnicas do filósofo Yuk Hui (2020). Assim como o primeiro compreende línguas material e historicamente manifestas, e não língua abstratamente colocada, o segundo pensa a questão da técnica, e da tecnologia, nos mesmos moldes não-monolíticos: à presunção muito moderna e ocidental de que haveria uma tecnologia como meio universal abstrato de aplicação técnica sobre quaisquer condições do mundo — objetivo ou não —, Yuk Hui sugere que, em verdade, o que existem são sempre técnicas. Amparadas, também elas — assim como as línguas em Mufwene —, em substratos socioculturais específicos, que fazem existir técnicas cosmologicamente experimentadas por tal ou tal grupo humano, e não uma tecnologia que a todos abarca.

Aqui vai uma definição preliminar: cosmotécnica é a unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos ou de obras de arte. Não há apenas uma ou duas técnicas, mas muitas cosmotécnicas. Que tipo de moralidade, qual cosmos e a quem ele pertence e como unificar isso tudo variam de uma cultura para a outra de acordo com dinâmicas diferentes. Estou convencido de que, a fim de confrontar a crise diante da qual nos encontramos — mais precisamente, o Antropoceno, a intrusão de Gaia (Latour e Stengers) ou o “Entropoceno” (Stiegler), todas essas noções apresentadas como o futuro inevitável da humanidade —, precisamos rearticular a questão da tecnologia, de modo a vislumbrar a existência de uma bifurcação de futuros tecnológicos sob a concepção de cosmotécnicas diferentes. (HUI, 2020, p. 39).

Hui parece apontar para uma proliferação técnica que, a julgar tanto pelo estatuto tecnológico das línguas (MUFWENE, 2013) quanto pelo estatuto encantado das línguas indígenas em retomada (DURAZZO; BONFIM, 2023), permite-nos pensar em uma proliferação não apenas cosmotécnica, mas cosmopolítica no sentido indígena, ou

etnológico, do termo. Isso porque Yuk Hui parece conceber, inicialmente, a cosmopolítica a partir da dimensão tecnológica das ciências, seguindo autores como Bruno Latour e Isabelle Stengers, mas também de uma concepção que melhor seria definida não como cosmopolítica, mas como cosmopolitismo, como por exemplo em Kant, sobre quem o autor deita atenção. O que dizer de tal cosmopolitismo quando temos, como sugerido no início de nossa introdução, uma política cosmológica em tudo atuante dada a presença dos *encantados*?

Nesse aspecto, nossa abordagem cosmopolítica dialoga muito mais de perto com aquela cosmopolítica que Marisol de la Cadena (2015) e Arturo Escobar (2020), apenas para citar dois exemplos, levam em consideração ao estudar os substratos cosmológicos de entidades não-humanas, mais-que-humanos, e do próprio território, como bases para uma política — também humana — do cosmo. Uma cosmopolítica situada, portanto, mais do que um cosmopolitismo. E, nisso, uma cosmotécnica linguística, cosmotécnica encantada, de fato e de direito.

Conclusão

Como demonstrado em outro lugar (DURAZZO, 2022a), essa concepção cosmológica das línguas encantadas, da *língua ancestral* como concebida por uma diversidade de povos indígenas (BONFIM; DURAZZO; AGUIAR, 2021; DURAZZO, COSTA, 2022), enfeixa-se a uma diversidade de práticas que bem podem ser chamadas de técnicas, a exemplo dos métodos e técnicas de pesquisa e ensino que compõem o currículo atual das escolas indígenas em muitos territórios (DURAZZO, 2022c). Com sua ênfase específica, diferenciada, intercultural e bi- ou plurilíngue, a educação escolar indígena atualmente nos permite observar como diferentes abordagens de tecnologias educacionais são acionadas para dar conta de processos contemporâneos de fortalecimento/revitalização linguística, seja por meio da expansão de redes de relações interétnicas, no célebre caso dos Pataxó que ampliam sua compreensão da própria língua a partir de contatos e trocas com os Maxakali (BONFIM, 2012), seja pela utilização de documentos textuais, históricos e coloniais, como nos casos dos Tuxá com o catecismo Português-Dzubukuá de Bernard de Nantes (1709; também DURAZZO, 2022a, 2023) ou dos Kiriri com o Kipeá dos materiais linguísticos do missionário Vincencio Mamiani (MORAES, 2021).

A importância de, ao tratarmos de línguas historicamente silenciadas (SOUZA, 2021), termos em mente não apenas a concepção cosmológica mais-que-humana de *encantados* e territórios (DURAZZO, 2023), mas também a dimensão tecnológica de seu manejo (MUFWENE, 2013) — inclusive educacional (LUCIANO, 2019) —, reside na ampliação de seu próprio estatuto para abarcar também sua atualidade cosmotécnica (HUI, 2020), superando categorias binárias como língua morta *versus* língua viva, e também indicando que, para as cosmologias de determinados grupos humanos, não existe cisão radical entre o que se convencionou chamar de natureza e cultura.

É no bojo de tais considerações que as línguas encantadas podem ser entendidas como parte da categoria de “línguas-espírito”, defendida pela Década Internacional das Línguas Indígenas da UNESCO (IDIL 2022-2023), categoria essa que lança subsídios teóricos, linguísticos e etnográficos para a defesa das línguas ameaçadas em todo o mundo. Neste artigo, busquei sugerir que as línguas encantadas, “-espírito”, podem, em determinados contextos etnográficos, se qualificar também como línguas cosmotécnicas, conceitualmente amparadas pela abrangência das noções aqui articuladas e que, decerto, merecerão futuros aprofundamentos teóricos e demonstrações etnolinguísticas.

Nesse sentido, articulando-se a formas multimodais de expressão e conhecimento indígenas (seja nos grafismos correspondentes aos sistemas linguísticos, cf. BORT Jr., 2021; seja no conceito xamanístico e ontológico de transmutação, cf. SEVERI, 2017, que integra sistemas linguísticos, paralinguísticos e cosmológicos), a área etnolinguística das línguas encantadas, conforme a chamamos (DURAZZO; BONFIM, 2023), parece oferecer elementos para melhor descrever o que Maria Rosário Gonçalves de Carvalho e Edwin Reesink (2018) identificaram ser potenciais “esferas socioculturais próprias” dos povos indígenas do Nordeste e região adjacente, esferas próprias porque centenariamente em confronto com a frente de expansão colonial e suas estratégias de assujeitamento, epistemicídio e glotocídio dos povos originários.

Referências

BARTOLI, Matteo-Giulio. *Introduzione alla Neolinguistica*. Genebra: L.S. Olschki, 1925.

BOMFIM, Anari Braz. Patxohã: a retomada da língua do povo Pataxó. *Revista Linguística* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 303-327, Jan. 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/10433>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

BOMFIM, Anari Braz; COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da (org.). *Revitalização de língua indígena e educação escolar indígena inclusiva*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/Egba, 2014.

BONFIM, Evandro de Sousa. Kurâ Itanro: Cosmopolítica e Língua entre os Bakairi. *Revista Ñaduty*, vol. 5, n.6, p. 30-36, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.30612/nty.v5i6.6871>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

BONFIM, Evandro; DURAZZO, Leandro; AGUIAR, Maycon S. O. “Levante linguístico indígena” no Nordeste, no Espírito Santo e em Minas Gerais: aspectos teóricos, políticos e etnográficos. *Policromias — Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 6, n. 2, p. 398-420, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/46719>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

BORT JR., João Roberto. Transformações xucuru-kariri: o ruãynyn?ru e outras formas gráfico-verbais no Alto Rio Pardo (Minas Gerais, Brasil). *Policromias — Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 6, p. 547-606, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/43630>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

CARVALHO, Maria Rosário de; REESINK, Edwin. Uma etnologia no Nordeste brasileiro: balanço parcial sobre territorialidades e identificações. *BIB — Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, n. 87, p. 71-104, 3/2018. Disponível em: <<https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/459>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

CÉSAR, América Lúcia. Algumas questões a propósito de línguas e construção de identidades étnicas. *Estudos Lingüísticos*, v. XXXV, p. 52-59, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/alsc.pdf>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

DE LA CADENA, Marisol. *Earth Beings: ecologies of practice across Andean worlds*. Durham/London: Duke University Press, 2015.

DURAZZO, Leandro. A garantia do seguimento indígena: ciência ritual, rede proká e revitalização linguística no Submédio São Francisco. *Policromias — Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 6, n. 2, p. 423-462, 2021a. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/46720>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

_____. O complexo ritual da ciência no Nordeste indígena brasileiro. 45o Encontro Anual da Anpocs. ANAIS [...]. 2021b.

_____. Indigenous language revitalization through digitalized colonial documents: a comment on Dzubukuá language revival by Tuxá people from Bahia, Brazil. *Diffractions*, n. 5, p. 6-25, 16 maio, 2022a. Disponível em: <<https://doi.org/10.34632/diffractions.2022.10224>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

_____. O estatuto encantado das línguas indígenas: comunicação mais-que-humana e revitalização linguística. In: SEVERO, Cristine (org.). *Políticas e direitos linguísticos: revisões teóricas, temas atuais e propostas didáticas*. São Paulo: Pontes Editores, 2022b, p. 149-168.

_____. A cosmopolitical education: Indigenous language revitalization among Tuxá people from Bahia, Brazil, *Globalizations*, 2022c. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14747731.2022.2065049>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

_____. *Cosmopolíticas Tuxá: ciência, ritual e educação a partir da autodemarcação de Dzorobabé*. Natal: EdUFRN, 2023, no prelo.

DURAZZO, Leandro; BONFIM, Evandro. A área etnolinguística das línguas encantadas: repensando os conceitos de língua, falante, transmissão e território nas retomadas de línguas indígenas. In: SEVERO, Cristine; BUZATO, Marcelo (org.). *Cosmopolítica e Linguagem*. Araraquara: Letraria, 2023, no prelo.

DURAZZO, Leandro; COSTA, Francisco Vanderlei F. da. Línguas indígenas no Nordeste brasileiro: esboço político-linguístico de seus processos de valorização. *Revista del CESLA. International Latin American Studies Review*, (30), 2022, p. 97-118. Disponível em: <<https://doi.org/10.36551/2081-1160.2022.30.97-118>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

ESCOBAR, Arturo. *Pluriversal politics: The real and the possible*. Duke University Press, 2020.

HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LUCIANO, Gersem J. dos S. Educação para manejo do mundo. *Articulando e Construindo Saberes*, Goiânia, v. 4, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/racs.v4i0.59074>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

MORAES, Vanessa Coelho. Refletindo sobre as concepções de revitalização linguística e língua morta a partir do contexto kiriri. *Policromias — Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, 6(2), 487–515, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/42315>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

MUFWENE, Salikoko. “Language as technology: Some questions that evolutionary linguistics should address.” In: LOHNDAL, Terje (ed.). *In search of Universal Grammar: From Norse to Zoque*. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 327-358.

REZENDE, Tereza. Narrativas do cerrado: As vozes das matas para uma educação linguística antirracista *Revista Virtual Lingu@ Nostr@*, 9(1), 38–58, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.29327/232521.8.1-4>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

SEVERI, Carlo. Seres transmutantes: uma proposta para uma antropologia do pensamento. *Ilha — Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 217–262, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-8034.2017v19n1p217>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.

SILVA, Cacique A. F. da. *Resgate Histórico do Povo Anacé*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2022.

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Línguas indígenas, fronteiras e silenciamento. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. 24, n. 48, p. 132–150, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/lil.v24i48.8666487>>. Acesso em: 06 Jul. 2023.